

PAI RICO PAI POBRE

NOVA EDIÇÃO ATUALIZADA
E AMPLIADA – COM 9 SEÇÕES
DE ESTUDO INÉDITAS

ROBERT T. KIYOSAKI


ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2017

SUMÁRIO

<i>Dedicatória</i>	ix
<i>Agradecimentos</i>	xi
20 Anos... Retrospectiva	
20 Anos Atrás... ..	1
Introdução	
Pai Rico, Pai Pobre	9
Capítulo 1	
Lição #1: Os Ricos Não Trabalham por Dinheiro.....	17
Seção de Estudo.....	53
Capítulo 2	
Lição #2: Por que Possibilitar a Proficiência Financeira?.....	63
Seção de Estudo.....	93
Capítulo 3	
Lição #3: Cuide do Seu Negócio.....	105
Seção de Estudo.....	113
Capítulo 4	
Lição #4: A História dos Impostos e o Poder das Sociedades Anônimas.....	121
Seção de Estudo.....	133
Capítulo 5	
Lição #5: Os Ricos Inventam o Dinheiro.....	143
Seção de Estudo.....	167

Capítulo 6

Lição #6: Trabalhe para Aprender — Não por Dinheiro.....	177
Seção de Estudo.....	193

Capítulo 7

Supere os Obstáculos.....	203
Seção de Estudo.....	221

Capítulo 8

Movimente-se.....	231
Seção de Estudo.....	253

Capítulo 9

Ainda Quer Mais? Aqui Estão Algumas Possibilidades.....	267
Seção de Estudo.....	273

<i>Ideias Finais</i>	279
Seção de Estudo.....	287

BÔNUS Seção Especial

Independência Financeira	295
--------------------------------	-----

<i>Glossário</i>	321
-------------------------------	-----

LIÇÃO #1: OS RICOS NÃO TRABALHAM POR DINHEIRO

*As classes média e baixa trabalham por dinheiro.
Os ricos fazem com que o dinheiro trabalhe para eles.*

“Pai, como é que se fica rico?”

Meu pai largou o jornal. “Por que quer ficar rico, filho?”

“Porque a mãe do Jimmy chegou hoje em um Cadillac novo, e eles iam passar o final de semana na praia. Ele chamou três amiguinhos, mas o Mike e eu não fomos convidados. Eles disseram que não nos chamaram porque somos garotos pobres.”

“Eles falaram isso mesmo?”, perguntou meu pai, incrédulo.

“Disseram, sim”, respondi, em um tom magoado.

Meu pai balançou a cabeça em silêncio, ajustou os óculos e voltou para a leitura do jornal. Fiquei esperando a resposta.

Era o ano de 1956. Eu tinha nove anos. Por um golpe de sorte, eu frequentava a mesma escola pública em que estudavam os filhos dos ricos. A cidade vivia especialmente em função das usinas de açúcar. Os gerentes das usinas e outras pessoas influentes da cidade, como médicos, proprietários de estabelecimentos comerciais e gerentes de bancos, matriculavam os filhos nessa escola. Terminado o ensino fundamental, em geral, eles iam para colégios particulares. Eu estudava naquela escola, simplesmente porque morava de um lado da rua. Se morasse

do outro, teria ido para uma escola diferente e meus colegas seriam de famílias mais parecidas com a minha. Concluído o ensino fundamental, estes garotos e eu cursaríamos o ensino médio também em escolas públicas. Não havia colégios particulares para eles ou para mim.

Meu pai finalmente largou o jornal. Senti que estava pensando.

“Filho”, começou, lentamente. “Se quiser ficar rico, tem que aprender a ganhar dinheiro.”

“E como faço isso?”, perguntei.

“Use sua cabeça, filho”, respondeu, sorrindo. O que, na verdade, ele queria dizer era: “Isso é tudo o que vou lhe dizer” ou “Não sei a resposta, então não me perturbe”.

Uma Parceria É Formada

Na manhã seguinte, contei para meu melhor amigo, Mike, o que meu pai tinha falado. Tenho a impressão de que Mike e eu éramos os únicos garotos pobres da escola. Mike também estava naquela escola por um golpe de sorte. Alguém tinha traçado aleatoriamente a linha divisória dos distritos escolares, e acabamos na escola dos garotos ricos. Não éramos pobres de verdade, mas sentíamos como se fôssemos porque os demais garotos tinham luvas de beisebol e bicicletas novas, tudo novo.

Nossos pais nos davam o básico: comida, teto e vestimenta. Mas isso era tudo. Meu pai costumava falar: “Se quiser alguma coisa, trabalhe para obtê-la.” Queríamos muitas coisas, mas não havia muito trabalho disponível para garotos de nove anos.

“E então, como ganhamos dinheiro?”, perguntou Mike.

“Não sei”, respondi. “Mas você quer ser meu sócio?”

Ele concordou e, naquele sábado de manhã, Mike se tornou meu primeiro sócio nos negócios. Passamos a manhã toda imaginando formas de ganhar dinheiro. De vez em quando, falávamos dos “caras legais” que estavam se divertindo na casa de praia de Jimmy. Sentíamos uma certa mágoa, mas era uma mágoa boa, pois nos inspirou a pensar em como ganhar dinheiro. Finalmente, nessa tarde, um lampejo surgiu em nossas mentes. Era uma ideia que Mike havia tirado de um livro de ciências que lera. Empolgados, demos um aperto de mão e a sociedade agora tinha um objetivo.

Durante as semanas seguintes, Mike e eu percorremos a vizinhança pedindo aos vizinhos que guardassem para nós os tubos vazios de pasta de dentes. Intrigados, muitos adultos concordavam, sorrindo. Alguns perguntavam o que estávamos fazendo. Respondíamos: “Não dá para contar, é um segredo de negócios.”

Conforme as semanas passavam, mamãe ficava nervosa. Tínhamos escolhido um lugar perto da máquina de lavar roupas para estocar nossa matéria-prima. Em uma caixa de papelão, que contivera vidros de molho de tomate, acumulava-se agora a nossa pilha de tubos de pasta de dentes usados.

Finalmente, mamãe deu uma bronca. Não aguentava mais ver aquele monte de tubos espremidos na maior confusão. “O que estão fazendo, meninos?”, perguntou. “E não me venham novamente com a desculpa de que é um segredo de negócios. Deem um jeito nesta bagunça ou jogo tudo fora.”

Mike e eu argumentamos, explicamos que em breve teríamos o suficiente para começar a produção. Dissemos que estávamos esperando alguns vizinhos acabarem de usar suas pastas para que pudéssemos recolher os tubos. Mamãe nos deu uma semana de prazo.

Antecipamos a data do início da produção. A pressão aumentava. Minha primeira sociedade já estava sendo ameaçada por uma notificação de despejo do nosso depósito, feita pela minha própria mãe. Mike se encarregou de apressar o consumo das pastas, informando que os dentistas recomendavam escovação mais frequente dos dentes. Comecei a instalar a linha de produção.

Um dia, meu pai chegou em casa com um amigo para mostrar como aqueles garotos de nove anos operavam a linha de produção a todo vapor, perto da garagem. Por todo o lugar havia uma fina poeira branca. Em uma mesa comprida, se alinhavam embalagens de leite oriundas da escola, e, no forno japonês da família, as brasas do carvão brilhavam gerando o máximo de calor.

Papai caminhava com cuidado, o carro fora estacionado próximo ao portão da rua, porque a linha de produção estava na frente da porta da garagem. Quando ele e seu amigo se aproximaram, viram uma vasilha de aço em cima das brasas e dentro dela os tubos de pasta de dentes derretiam. Naquela época, não havia tubos de pasta de dentes de plástico, eram de chumbo. Por isso, depois que a pintura queimava, os tubos dentro da vasilha derretiam até virar líquido. Com a ajuda do pegador de panela da mamãe, despejávamos o chumbo derretido através de um pequeno furo nas embalagens de leite, que estavam recheadas de gesso.

CAPÍTULO 1: OS RICOS NÃO TRABALHAM POR DINHEIRO

O pó branco do gesso que ainda não tinha sido misturado à água estava por toda parte. Na pressa, tínhamos derrubado o saco de gesso e parecia que toda a área fora atingida por uma nevasca. As embalagens de leite vazias serviam para fazer os moldes.

Meu pai e seu amigo nos observavam enquanto vertíamos o chumbo derretido em um pequeno buraco no topo de um cubo de gesso.

“Cuidado”, disse meu pai.

Fiz que sim com a cabeça, sem olhar para cima.

Finalmente, quando terminei de colocar o chumbo derretido, larguei a vasilha e sorri para o meu pai.

“O que estão fazendo?”, questionou, com um sorriso cauteloso.

“O que você mandou. Estamos nos tornando ricos”, respondi.

“Isso aí”, disse Mike, sorrindo e balançando a cabeça. “Somos sócios.”

“E o que há nesses moldes de gesso?”, perguntou papai.

“Veja”, falei. “Essa vai ser uma boa fornada.”

Com um pequeno martelo, bati no lacre que dividia o cubo em dois. Com cuidado, puxei a parte de cima do molde de gesso e uma moedinha de chumbo caiu.

“Minha nossa!”, falou papai. “Vocês estão cunhando moedinhas de chumbo!”

“Isso mesmo”, disse Mike. “Estamos fazendo o que o senhor falou. Fazendo dinheiro.”

O amigo do meu pai se virou e caiu na gargalhada. Meu pai sorriu e balançou a cabeça. À sua frente, estavam, além do fogo e da caixa de tubos de pasta de dentes vazios, dois garotos cobertos por uma poeira branca rindo de orelha a orelha.

Meu pai pediu que largássemos tudo e nos sentássemos com ele no degrau da frente de casa. Sorrindo, nos explicou carinhosamente o que significava a palavra “falsificação”.

Nossos sonhos estavam desfeitos. “Quer dizer que isso é ilegal?”, perguntou Mike, com um soluço na voz.

“Deixa eles”, disse o amigo do meu pai. “Podem estar desenvolvendo um talento natural.”

Meu pai o fuzilava com o olhar.

“Sim, é ilegal”, falou papai, calmamente. “Mas vocês demonstraram muita criatividade e ideias originais. Continuem, estou orgulhoso de vocês!”

Desapontados, Mike e eu ficamos sentados uns vinte minutos antes de começarmos a arrumar a bagunça. O negócio se encerrou no próprio dia da inauguração. Varrendo a poeira, olhei para Mike e disse: “Acho que Jimmy e os amigos dele estavam certos. Somos pobres.”

Quando falei isso, meu pai já estava saindo. “Garotos”, falou, “vocês só serão pobres se desistirem. O mais importante é que fizeram alguma coisa. Muitas pessoas falam e sonham em ficar ricas. Vocês agiram. Estou muito orgulhoso de vocês. Repito. Continuem. Não desistam.”

Mike e eu ficamos quietos, calados. Eram palavras amigáveis, mas ainda não sabíamos o que fazer.

“Então por que você não é rico, papai?”, perguntei.

“Porque resolvi ser professor. Os professores não estão muito preocupados em ficar ricos. Gostamos de ensinar. Queria poder ajudar vocês, mas na verdade não sei como ganhar dinheiro.”

Mike e eu voltamos à arrumação.

“É”, falou meu pai, “se quiserem aprender e enriquecer, não perguntem a mim. Falem com o seu pai, Mike.”

“Meu pai?”, perguntou Mike, surpreso.

“Sim, seu pai”, repetiu, com um sorriso. “Seu pai e eu temos conta no mesmo banco e o gerente está impressionado com ele. Disse várias vezes que o seu pai é brilhante quando se trata de ganhar dinheiro.”

“Meu pai?”, insistiu Mike, incrédulo. “Então por que não temos uma casa bonita e um carrão como os garotos ricos da escola?”

“Um carrão e uma casa bonita não querem necessariamente dizer que você é rico ou que tem muito dinheiro”, respondeu papai. “O pai de Jimmy trabalha na usina. Ele não é muito diferente de mim. Trabalha para uma empresa, e eu, para o governo. A empresa compra o carro para ele. Se a usina tiver problemas financeiros, o pai de Jimmy pode acabar sem nada. Seu pai é diferente, Mike. Ele parece estar construindo um império e desconfio de que em alguns anos será um homem muito rico.”

Ao ouvir isso, Mike e eu nos empolgamos novamente. Mais dispostos, limpamos a confusão provocada por nosso finado negócio. Enquanto limpávamos, fazíamos planos sobre quando e onde falar com o pai de Mike. O problema era que ele trabalhava muito e, às vezes, chegava muito tarde em casa. Era dono de armazéns, de uma empresa de construção, de uma cadeia de lojas e de três restaurantes. Eram os restaurantes que o faziam voltar para casa tarde.

Acabada a limpeza, Mike se despediu. Falaria com o seu pai à noite, para perguntar se podia nos ensinar a ficar ricos. Mike prometeu me ligar assim que tivesse uma resposta, mesmo que fosse tarde.

Às 20h30, o telefone tocou.

“Ok”, falei. “Sábado que vem”, e desliguei. O pai de Mike concordara em conversar conosco.

Às 7h30 de sábado, peguei o ônibus para o lado pobre da cidade.

As Lições Começam

Mike e eu encontramos o seu pai às 8h daquela manhã. Ele estava ocupado e trabalhava há mais de uma hora. Seu supervisor de construções já estava saindo na caminhonete quando entrei naquela casa simples, pequena e arrumada. Mike me esperava na porta.

“Papai está no telefone e falou para esperar na varanda dos fundos”, disse Mike ao abrir a porta.

O antigo assoalho de madeira chiou quando passei pela soleira da casa já velha. Do lado de fora, havia um capacho simples escondendo os muitos anos de uso e os incontáveis passos que suportara. Apesar de limpo, precisava ser substituído.

Quando entrei na sala estreita, senti falta de ar. O cômodo estava mobiliado com peças que hoje seriam objeto de colecionador. Duas mulheres estavam sentadas no sofá, eram um pouco mais velhas do que a minha mãe. Em frente às mulheres, estava um homem em trajes de operário. Vestia calça e camisa cáqui, bem passadas, mas não engomadas, e calçava botas de trabalho bem

engraxadas. Deveria ser uns dez anos mais velho que papai. Eles sorriram quando Mike e eu passamos em direção à cozinha, que dava para um pátio nos fundos. Timidamente, devolvi o sorriso.

“Quem são essas pessoas?”, perguntei.

“Ah, eles trabalham para papai. O mais velho dirige seus armazéns e as mulheres são gerentes dos restaurantes. E você já viu o supervisor das construções, que está trabalhando em um projeto rodoviário, a uns 80km daqui. O outro supervisor, que cuida da construção das casas, saiu antes de você chegar.”

“Isso acontece o tempo todo?”, perguntei.

“Nem sempre, mas muitas vezes”, disse Mike, sorrindo, enquanto puxava uma cadeira para sentar perto de mim.

“Perguntei a meu pai se ele vai nos ensinar a ganhar dinheiro”, disse Mike.

“E o que ele respondeu?”, questionei, com uma curiosidade cautelosa.

“Bom, primeiro me encarou com uma expressão engraçada e, então, falou que nos faria uma proposta.”

“Ah”, respondi, balançando a cadeira para trás em direção à parede; a cadeira em que estava se sustentava nos pés de trás.

Mike fazia o mesmo.

“Você sabe o que ele vai nos oferecer?”, perguntei.

“Não, mas a gente já vai descobrir.”

De repente, o pai de Mike passou pela porta de tela e pisou no alpendre. Mike e eu pulamos, ficando em pé não por respeito, mas pelo susto que levamos.

“Prontos, garotos?”, perguntou o pai de Mike, puxando uma cadeira para se sentar perto de nós.

Fizemos que sim com a cabeça e aproximamos as cadeiras para sentarmos de frente para ele.

Ele era um homem grande, com cerca de 1,80m e 100kg. Meu pai era mais alto, pesava mais ou menos o mesmo e era cinco anos mais velho que ele. Eles eram de certo modo parecidos, embora de origens étnicas diferentes. Talvez tivessem energias semelhantes.

“Mike falou que você quer aprender a ganhar dinheiro? É isso mesmo, Robert?”

Rapidamente, assenti com a cabeça, não sem uma pequena sensação de intimidação. Senti muito poder por trás das suas palavras e do seu sorriso.

“Muito bem, eis a minha oferta. Vou ensinar a vocês, mas não como em uma sala de aula. Vocês trabalham para mim, e eu ensino. Vocês não trabalham, e não ensino. Posso ensinar mais rápido se trabalharem, em vez de perder o meu tempo com vocês só sentados escutando, como fazem na escola. Esta é minha oferta. É pegar ou largar.”

“Posso fazer uma pergunta antes?”, falei.

“Não. É pegar ou largar. Tenho trabalho demais para perder tempo. De qualquer modo, se não puder se decidir logo, não vai aprender nunca a ganhar dinheiro. As oportunidades vêm e vão. Ser capaz de tomar decisões rápidas é uma habilidade importante. Você tem a oportunidade que pediu. As aulas começam em dez segundos”, respondeu o pai de Mike, com um sorriso incentivador.

“Tô dentro”, respondi.

“Topo”, disse Mike.

“Bom”, falou o pai de Mike, “a sra. Martin vai chegar daqui a dez minutos. Depois que eu conversar com ela, vocês a acompanham até minha lojinha e já podem começar. Vou lhes pagar dez centavos por hora e terão que trabalhar três horas todo sábado.”

“Mas hoje tenho jogo de beisebol”, falei.

O pai de Mike abaixou a voz e falou, com seriedade: “É pegar ou largar”, falou. “Eu pego”, respondi, decidindo trabalhar em vez de jogar.



20 Anos Atrás...

DETERMINAÇÃO

O mundo se move cada vez mais rápido. Ações são negociadas em milissegundos. Ofertas vêm e vão na internet em questão de minutos. Mais e mais pessoas competem por bons negócios. Assim, quanto mais rápido tomar uma decisão, mais chances você tem de aproveitar as oportunidades — antes que outra pessoa o faça.

Trinta Centavos Depois

Às 9h de uma bela manhã de sábado, Mike e eu estávamos trabalhando para a sra. Martin. Era uma mulher bondosa e paciente. Sempre dizia que Mike e eu lembrávamos seus dois filhos, que já estavam crescidos e não moravam com ela. Apesar de bondosa, ela acreditava no trabalho árduo e nos ensinou a executá-lo. Era uma chefe rigorosa. Passávamos três horas pegando latas das prateleiras e espanando-as para depois recolocá-las no lugar. Era uma tarefa incrivelmente monótona.

O pai de Mike, que eu chamo de meu pai rico, era dono de nove dessas lojinhas com amplos estacionamentos. Eram as primeiras versões das lojas de conveniência da 7-Eleven, pequenos armazéns provincianos em que as pessoas compram artigos como leite, pão, manteiga e cigarros. O problema é que isso aconteceu no Havaí antes de os ares-condicionados serem amplamente usados, então não dava para fechar a porta por causa do calor. Nos dois lados da loja, havia duas portas grandes que davam para a rua e para o estacionamento. Sempre que um carro passava ou estacionava, a poeira rodopiava e se acumulava nas prateleiras da loja. Sabíamos que o nosso trabalho estava garantido enquanto não houvesse ar-condicionado.

Durante três semanas, Mike e eu comparecíamos à loja da sra. Martin e trabalhávamos durante três horas. Ao meio-dia, terminava o trabalho, e ela colocava três moedinhas nas nossas mãos. Mas nem aos nove anos, em meados da década de 1950, trinta centavos eram muito empolgantes. Na época, um gibi custava dez centavos, então eu costumava gastar o dinheiro com revistas em quadrinhos e voltava para casa.

Na quarta-feira da quarta semana, eu já estava a fim de desistir. Tinha concordado em trabalhar só porque queria aprender a ganhar dinheiro com o pai de Mike, mas agora era um escravo por dez centavos a hora. E, ainda por cima, não tinha voltado a ver o pai de Mike desde aquele sábado.

“Desisto”, falei para Mike, na hora do almoço. O almoço da escola era horrível. A escola era monótona e agora já não tinha nem os meus sábados para me animar. Mas o que estava me perturbando eram os trinta centavos.

Desta vez, Mike sorriu.

“Do que está rindo?”, perguntei, zangado e frustrado.

“Papai falou que isso ia acontecer. Ele disse para você procurá-lo quando estivesse a fim de desistir.”

“O quê?”, falei, indignado. “Ele está esperando que eu fique saturado?”

“Por aí”, falou Mike. “O papai é meio peculiar, ensina de maneira diferente do seu pai. Os seus pais falam bastante. Meu pai é tranquilo e caladão. Espere até sábado. Vou falar para ele que você está pronto.”

“Quer dizer que fui enrolado?”

“Não, não é isso, mas pode ser. Papai vai explicar no sábado.”

Fazendo Fila no Sábado

Estava pronto e preparado para enfrentá-lo. Até meu pai de verdade estava furioso com ele. Meu verdadeiro pai, aquele que chamo de pai pobre, pensou que meu pai rico estava infringindo a legislação quanto ao trabalho de menores e que deveria ser investigado.

Meu pai pobre, que era altamente instruído, disse que eu deveria exigir o que merecia — pelo menos 25 centavos por hora. Falou ainda que se não conseguisse o aumento deveria me demitir imediatamente.

“De qualquer maneira, você não precisa dessa droga de emprego”, falou meu pai pobre, indignado.

Às 8h da manhã de sábado, eu estava entrando pela velha porta da casa de Mike, quando o pai rico a abriu.

“Sente e espere na fila”, falou o pai de Mike quando entrei. Ele então se virou e foi para o pequeno escritório que ficava ao lado de um dormitório.

Olhei em volta e não vi Mike em lugar algum. Achando tudo meio esquisito, sentei perto daquelas duas mulheres, as mesmas que estavam lá três semanas antes. Elas sorriram e me deram um lugar no sofá.

Passaram-se 45 minutos e eu estava possesso. As duas mulheres já tinham falado com ele e saído há meia hora. Um senhor mais velho ficou lá vinte minutos e foi embora.

A casa estava vazia, e eu, sentado na sala antiquada, escura, em uma bela manhã do Havaí, esperando para falar com um explorador de menores avarento. Podia ouvi-lo se movimentando no escritório, falando ao telefone e me ignorando. Queria sair dali, mas, por alguma razão, fiquei.

Finalmente, quinze minutos depois, exatamente às 9h, o pai rico apareceu sem dizer nada e me fez um sinal com a mão para entrar no modesto escritório.

“Parece que você está querendo um aumento ou vai se demitir”, falou o pai rico, rodando a cadeira giratória.

“Bem, o senhor não está cumprindo sua parte do acordo”, falei, quase aos prantos. Para um garoto de nove anos, era de fato apavorante confrontar um adulto.

“O senhor falou que, se eu trabalhasse, me ensinaria. Eu trabalhei. Dei o meu melhor. Larguei meus jogos de beisebol para trabalhar. E o senhor não cumpriu sua palavra. Não me ensinou nada. É um desonesto, como todo mundo fala. É ganancioso. Só quer todo o dinheiro e não se preocupa com seus empregados. O senhor me deixou esperando e não me respeita. Eu sou apenas um garoto e mereço ser tratado melhor.”

Da sua cadeira giratória, as mãos no queixo, o pai rico me fitava. Parecia que estava me estudando.

“É, nada mau”, falou. “Em menos de um mês, você já se parece com a maioria dos meus empregados.”

“O quê?!” exclamei. Como não entendia o que estava falando, continuei reclamando. “Pensei que o senhor ia cumprir sua parte do acordo e me ensinar. Em vez disso, quer me torturar? Isso é cruel. Muito cruel.”

“Estou lhe ensinando”, falou, calmamente, o pai rico.

“O que o senhor me ensinou? Nada!”, repliquei furioso. “Nem falou comigo depois que eu aceitei trabalhar por uma merreca. Dez centavos por hora. Eu devia denunciar o senhor ao governo. Existem leis sobre o trabalho infantil, o senhor sabe disso. Meu pai trabalha para o governo.”

“Nossa!”, disse o pai rico. “Agora você parece com a maioria das pessoas que trabalharam para mim — que eu mandei embora ou se demitiram.”

“O que o senhor tem a me dizer?”, questionei, sentindo-me muito corajoso para um moleque. “Mentiu para mim. Trabalhei e o senhor não manteve sua palavra. Não me ensinou nada.”

“E como sabe que não lhe ensinei nada?”, perguntou, calmamente, o pai rico.

“Bom, o senhor nunca falou comigo. Trabalhei três semanas e o senhor não me ensinou nada”, falei, com cara de zangado.

“Ensinar significa falar ou dar uma aula?”, perguntou o pai rico.

“Bem, sim”, retruquei.

“É assim que a escola ensina”, disse ele sorrindo. “Mas não é assim que a vida ensina, e eu diria que a vida é o melhor dos mestres. Na maioria das vezes, a vida não fala com você. É mais como se lhe batesse. Cada pancada significa dizer: ‘Acorde. Quero que aprenda alguma coisa.’”

Do que esse cara está falando?, perguntei a mim mesmo. *A vida me*

bate e fala comigo? Agora tinha certeza de que deveria largar o emprego. Eu estava

falando com alguém que não regulava bem.

“Se aprender as lições da vida, você vai se dar bem. Se não, a vida não vai economizar as pancadas. Alguns apenas deixam a vida bater neles. Outros ficam zangados e batem de volta. Mas eles devolvem para o patrão ou o emprego, o marido ou a mulher. Eles não sabem que é a vida que está batendo.”

Eu não tinha a menor ideia do que ele estava falando.



20 Anos Atrás...

CONE DE APRENDIZAGEM

É de Edgar Dale o crédito por nos fazer entender que aprendemos melhor na prática — na execução ou em uma simulação. Isso se chama empiria. Dale e seu Cone de Aprendizagem nos mostram que ler e escrever são as formas menos eficazes de aprender. Porém, todos sabemos como a maioria das escolas ensina: lendo e escrevendo.

Cone de Aprendizagem		
Depois de duas semanas, tendemos a nos lembrar de		Natureza do envolvimento
90% do que dizemos e fazemos	Colocando em prática	Ativa
	Simulando a experiência real	
	Fazendo uma representação dramática	
70% do que dizemos	Conversando	Ativa
	Participando de um debate	
50% do que ouvimos e vemos	Presenciando uma atividade	Passiva
	Assistindo a uma demonstração	
	Assistindo a uma apresentação	
	Assistindo a um filme	
30% do que vemos	Olhando fotos	Passiva
20% do que ouvimos	Ouvindo	
10% do que lemos	Lendo	

Fonte: Cone de Aprendizagem adaptado de Dale, 1969.

“A vida bate em todos nós. Alguns desistem. Outros lutam. Alguns aprendem a lição e seguem em frente. Recebem satisfeitos os trancos da vida. Para esses, isso significa que precisam e querem aprender alguma coisa. Então aprendem e continuam o seu caminho. A maioria desiste e uns poucos, como você, lutam.”

O pai rico ficou em pé e fechou a velha janela de madeira que precisava de conserto.

“Se aprender esta lição, se tornará um jovem sábio, rico e feliz. Se não aprender, passará a vida culpando um emprego, um baixo salário ou o seu chefe pelos seus problemas. Passará sua vida esperando por um golpe de sorte que resolva seus problemas financeiros.”

Meu pai rico olhou para mim a fim de verificar se eu ainda estava ouvindo. Seus olhos encontraram os meus. Estabeleceu-se uma comunicação entre nossos olhares. Finalmente, me afastei ao perceber que tinha assimilado esta última mensagem. Sabia que ele estava certo. Eu o culpava, mas eu tinha pedido para aprender. Eu estava lutando.

O pai rico continuou:

“Se for o tipo de pessoa que não tem garra, desistirá toda vez que a vida bater em você. Se for assim, passará sua vida buscando segurança, fazendo as coisas certas, esperando por algo que nunca vai acontecer. E, então, morrerá como um velho tedioso. Terá

um monte de amigos que gostam de você, porque é um cara trabalhador. Mas a verdade é que a vida o leva à submissão. No fundo, você tem pavor de se arriscar. Queria, na verdade, vencer, mas o medo de perder é maior do que o prazer da vitória. No seu íntimo, só você saberá que não foi atrás disso. Escolheu a segurança.”



20 Anos Atrás...

A VIDA COMO MESTRE

As gerações de hoje estão aprendendo os fatos complexos da vida. Empregos são difíceis de se encontrar. Os robôs substituem os trabalhadores aos milhões. Aprender na prática, cometendo erros, é cada vez mais importante. O estudo se mostra pouco valioso no mundo real. A educação universitária não garante mais uma carreira.

Nossos olhos voltaram a se encontrar.

“Você está me batendo, como a vida?”, perguntei.

“Algumas pessoas achariam isso”, sorriu o pai rico. “Eu diria que apenas lhe mostrei o gostinho da vida.”

“Que gostinho?”, perguntei, ainda zangado, mas agora curioso e pronto para aprender.

“Vocês dois, garotos, foram as primeiras pessoas na vida que me pediram para ensinar a ganhar dinheiro. Tenho mais de 150 empregados e nenhum deles me perguntou o que sei sobre dinheiro. Eles me pedem um emprego e um salário, mas nunca que lhes ensine sobre o dinheiro. Desse jeito, a maioria deles passará os melhores anos de suas vidas trabalhando pelo dinheiro, sem entender realmente por que trabalham.”

Eu ouvia atentamente.

“Assim, quando Mike falou que você queria aprender a ganhar dinheiro, resolvi planejar um curso que se aproximasse da vida real. Eu poderia falar horas, mas você não escutaria nada. Portanto, deixei que a vida batesse um pouco em você para que pudesse me escutar. É por isso que só pago dez centavos.”

“E qual é a lição que aprendi trabalhando por dez centavos a hora?”, perguntei. “Que você é mesquinho e explora seus empregados?”

O pai rico se inclinou para trás e soltou uma gargalhada. Finalmente, quando parou de rir, falou: “É melhor que você

mude seu jeito de pensar. Pare de me culpar, pensando que sou o problema. Se pensa que eu sou o problema, então terá que me transformar. Se perceber que o problema é você, então poderá modificar a si mesmo, aprender alguma coisa e tornar-se mais sábio. A maioria das pessoas quer que todos no mundo mudem, menos elas próprias. Mas eu lhe digo: é mais fácil mudar a si próprio que a todos os demais.”



20 Anos Atrás... **MUDE O QUE PUDER**

Aprendi a verdade e a sabedoria nas palavras do pai rico. Não temos como controlar muitas coisas da vida. Aprendi a me concentrar, então, no que tenho controle: eu mesmo. E, se as coisas mudarem, eu tenho que me adaptar.

“Não entendo”, falei.

“Não me culpe pelos seus problemas”, falou o pai rico, dando sinais de impaciência.

“Mas o senhor só me paga dez centavos.”

“E então, o que está aprendendo?”, perguntou pai rico, com um sorriso.

“Que o senhor é mesquinho”, respondi, com uma risadinha.

“Está vendo, você acha que eu sou o problema”, retrucou o pai rico.

“Mas o senhor é.”

“Bem, continue assim e não aprenderá nada. Pense que sou o problema; então, quais são as suas escolhas?”

“Bem, se o senhor não me pagar mais ou não me respeitar e me ensinar, eu largo tudo.”

“Muito bem”, disse o pai rico. “E isso é exatamente o que a maioria das pessoas faz. Elas se demitem e começam a procurar outro emprego, uma oportunidade melhor e um salário mais alto, pensando que isso vai resolver o problema. Não é o que acontece na maioria dos casos.”

“Então, qual é a solução?”, perguntei. “Pegar esses míseros dez centavos por hora e assentir?”

O pai rico sorriu: “Isso é o que as outras pessoas fazem. Mas para por aí, elas esperam um aumento na ilusão de que mais dinheiro resolverá o problema. A maioria se conforma e alguns procuram um segundo emprego, trabalhando mais, mas continuam aceitando um pagamento ínfimo.”

Fiquei olhando para o chão, começando a entender a lição que o pai rico me apresentava. Podia sentir que tinha um gosto de vida. Finalmente, olhei para cima e repeti a pergunta: “Então, o que resolve o problema?”

“Isso”, disse ele me dando um ligeiro tapa na cabeça. “Essa coisa que está entre as suas orelhas.”

Foi nesse momento que o pai rico me mostrou o ponto de vista central que o separava de seus empregados e do meu pai pobre — e que mais tarde o levou a se tornar um dos homens mais ricos do Havaí; enquanto meu pai, muito instruído, mas pobre, lutou com problemas financeiros durante toda sua vida. Era um ponto de vista singular, que faz toda a diferença durante uma vida inteira.